

O USO DA MÚSICA NA RECUPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS: PERSPECTIVA PEDAGÓGICA

Patrícia da Silva Camilo¹
Profa. Dra. Aparecida Meire Calegari Falco²

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar a música como ferramenta pedagógica na recuperação e desenvolvimento de crianças hospitalizadas, bem como as contribuições do pedagogo no ambiente hospitalar e ainda apresentar sugestões de possíveis intervenções pedagógicas utilizando a música como um recurso nesse processo. A pesquisa é qualitativa de cunho bibliográfico fundamentado em bancos de dados e bibliotecas físicas, utilizando de referenciais de base como: Vigotsky (1998) Brito (2003), Calegari (2010), análise de documentos normativos, entre outros. Conclui que a música é um importante instrumento de mediação na assistência à criança hospitalizada, não somente pelo seu aspecto terapêutico, mas pela possibilidade de ensino-aprendizagem nesse processo.

Palavras-chave: Educação. Música. Pedagogia Hospitalar

ABSTRACT

This study aimed to analyze music as a pedagogical tool in the recovery and development of hospitalized children, as well as the contributions of the pedagogue in the hospital environment and also to present suggestions of possible pedagogical interventions using music as a resource in this process. The research is qualitative based on bibliographical data based on databases and physical libraries, using basic references such as: Vigotsky (1998) Brito (2003), Calegari (2010), analysis of normative documents, among others. It concludes that music is an important instrument of mediation in the care of the hospitalized child, not only for its therapeutic aspect, but also for the possibility of teaching-learning in this process.

Key-Words: Education. Music. Hospital Pedagogy

1 Introdução

O homem é um ser musical por natureza, desde os tempos mais remotos a música se faz presente como forma de comunicação entre os povos que identificavam cada comunidade e cultura por meio dos sons, sendo assim, a música se configura como uma das maiores formas de linguagem universal. Diversas pesquisas confirmam a influência da música no desenvolvimento da mente humana, proporcionando o equilíbrio, facilitando a concentração, raciocínio e favorecendo momentos de bem-estar. Neste sentido, é imprescindível entender de que forma o

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá - UEM. patriciasilvacamilo20@gmail.com

²Doutorado em Educação (2010); Mestrado em Educação (2003); Graduação em Pedagogia (1992). ameirecalegari@uol.br

pedagogo pode utilizar-se da música como recurso em suas intervenções, visando à recuperação e o desenvolvimento da criança hospitalizada.

Realizamos uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, analisando artigos e teses em bancos de dados como o Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), SBU Unicamp, Portal Periódicos Capes e obras disponíveis em bibliotecas físicas.

O interesse pela temática partiu das reflexões e experiências vivenciadas no Projeto de Extensão intitulado “Intervenção pedagógica junto à criança hospitalizada³” que desenvolve suas atividades na pediatria do Hospital Universitário Regional de Maringá (HUM). Por intermédio do projeto, manifestou-se a curiosidade a respeito do uso da música como proposta de intervenção pedagógica em crianças hospitalizadas.

O desenvolvimento dessa pesquisa tem apoio teórico da Teoria⁴ Histórico-Cultural, que surgiu no século XX e que diz que todo conhecimento humano é construído a partir da *atividade humana* mediada por *instrumentos, símbolos e signos*, ou seja, o desenvolvimento cognitivo humano, portanto, é entendido, como um processo de aquisição cultural e tem como principal estudioso o psicólogo Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934), que serve de base para uma nova concepção de desenvolvimento humano a partir do materialismo histórico dialético.

A abordagem metodológica da pesquisa é bibliográfica de cunho qualitativo, destarte, a realização de uma pesquisa qualitativa permite que o pesquisador seja ao mesmo tempo o sujeito e objeto de suas pesquisas, possibilitando uma relação entre o mundo real e o sujeito. Nesta perspectiva, “[...] a pesquisa bibliográfica tem como principal característica o fato de que o campo onde será feita a coleta dos dados é a própria *bibliografia* sobre o tema ou o objeto que se pretende investigar” (TOZONI, 2009, p. 25).

A Constituição Federal do Brasil de 1988 garante no Título VIII – Da Ordem Social – Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção I, em seu artigo 205 que a

³O Projeto de Extensão Intervenção Pedagógica junto à Criança Hospitalizada que tem como coordenadora a Profª Drª Aparecida Meire Calegari Falco, do Departamento de Teoria e Prática da Educação – DTP da Universidade Estadual de Maringá (UEM), desenvolve suas atividades na pediatria do Hospital Universitário Regional de Maringá (HUM). Iniciado em 2006, efetivamente, atendendo em média 450 crianças por ano, e tem por finalidade investigar os efeitos da ação pedagógica no ambiente hospitalar. Site:<http://www.dex.uem.br/projetos-temporarios/saude/116-intervencao-pedagogica-junto-a-crianca-hospitalizada-dtp>. Acesso em 21 de agosto de 2017.

⁴ Ou Psicologia Histórico-Cultural.

educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, assim sendo, o pedagogo no contexto hospitalar possibilita uma continuidade desse direito à educação, proporcionando condições de desenvolvimento da criança, seja ele cognitivo, emocional e social.

Entendemos que o ambiente hospitalar pode se configurar para criança em um período traumático, uma vez que ela é retirada do seu convívio familiar e se insere em um ambiente estranho, com rotinas rígidas e pessoas desconhecidas. Desta forma, se faz necessário profissionais que se apropriem de recursos pedagógicos a fim de contribuir positivamente para esse internamento infantil, profissionais estes que olhem para a criança como um ser de direitos, que não se resume apenas a doença, sendo assim, toda criança e adolescente tem o “direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar” (BRASIL, 1995).

Neste sentido, consideramos a música como um importante recurso pedagógico, pois entendemos que a música não se configura apenas como uma ferramenta terapêutica, no qual promove momentos de bem-estar e relaxamento, mas sim oferece processos de desenvolvimento integral da criança, desta forma:

A função do professor de Classe Hospitalar não é de apenas adquirir espaços lúdicos com ênfase no lazer pedagógico, para que a criança esqueça, por alguns momentos, que está doente ou em um hospital. O professor deve estar no hospital para cooperar com o processo efetivo de construção da aprendizagem das crianças (CECCIM, 1999, p.43).

Destarte, compreendendo a importância de se trabalhar a música no âmbito hospitalar, procuramos realizar algumas sugestões de músicas e brincadeiras musicalizadas para pedagogos com formação musical ou não, trabalhar o fazer musical com as crianças, portanto, nossa intenção com essas propostas não é a de substituir a formação na área musical que cada profissional deve alcançar, mas sim de acrescentar a formação para aqueles que compreendem a importância da música no desenvolvimento da criança, independente do espaço no qual ela está inserida.

Consideramos que essa pesquisa poderá colaborar para as reflexões a respeito do papel do pedagogo em ambientes não formais de ensino, tais como fator contribuinte no pleno desenvolvimento dos pacientes infantis.

Nos próximos capítulos, os leitores encontrarão o que compõem o artigo, sendo: as contribuições do pedagogo no ambiente hospitalar; os impactos na criança decorrentes da hospitalização; o uso da música como ferramenta pedagógica na recuperação e desenvolvimento da criança hospitalizada e sugestões de possíveis atividades musicais para serem usadas no ambiente hospitalar.

2. Contribuições do pedagogo no ambiente hospitalar

Para que seja possível compreender a importância do pedagogo no ambiente hospitalar, realizaremos um breve percurso histórico com marcos e fatos significativos para a construção da formação e identidade do pedagogo na sociedade. Desta forma, entendemos que se faz necessário que o educador conheça e entenda os fatos ocorridos no passado na esfera educacional a fim de realizar possíveis reflexões do que se passa atualmente na esfera educacional.

Para Cambi (1999), a história da pedagogia se estabeleceu entre os séculos XVIII e XIX e desenvolveu-se por meio de pesquisas de profissionais ligados à escola, que se empenharam em institucionalizar a educação conforme os ideais da sociedade moderna da época, que era o de formar técnicos e cidadãos.

Na Grécia antiga, pedagogia era o ato no qual o escravo conduzia as crianças até o local onde se aprendiam as letras e o cultivo do corpo, ensinando-lhe a moral e o bom comportamento, esses mediadores eram os *paidagogos*: condutores da criança. Naquele período, muitos filósofos começaram a pensar sobre a educação, pensadores estes que influenciaram a Pedagogia e a educação até os dias de hoje, como Platão (428/27-347 a.C.), Aristóteles (384/3-322 a. C), Sócrates (470/69 - 399 a. C.), entre outros. Na Idade Média, o que predominava era base da escolástica que privilegiava a educação para nobres e religiosos, tinham a verdade divina como princípio e verdade absoluta. Com o fim da Idade Média, surgiu então o tomismo, que inaugurou um período importante para a educação, pois além de apresentar à humanidade a possibilidade de educar leigos e pobres, a criança passou a ser percebida e a “escola” foi vista como um local de aprendizado e ampliação espiritual. Com o protestantismo de Lutero (1483-1546), a educação passou a ser enxergada como utilidade social, uma vez que se valorizava a alfabetização e o aprendizado de línguas como conhecimento, devendo ser acessível a todos. No século XVIII, inicia-se a modernidade, período este que de acordo com Cambi (1999), grandes

pensadores contribuíram para marcos expressivos para inovação da educação, momento este que pedagogia e política se articulam. De acordo com o autor, a Era Contemporânea nasceu em 1789 com a Revolução Francesa, período este marcado pelo desequilíbrio social, econômico e político que provocou grandes transformações na sociedade, na qual a pedagogia ocupou uma função de mediadora para o “reequilíbrio” social.

Desta forma, entendemos que conforme a sociedade se transforma a educação e o papel do pedagogo também acompanha essa transformação. Diante desse novo contexto da educação que se abriu no século XXI, período este marcado pela globalização e de grandes mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais, percebemos que se exigem profissionais cada vez mais qualificados e preparados para o mercado de trabalho, atendendo às necessidades de cada época.

Diante disso, muito se tem discutido acerca do papel do pedagogo, o que faz, como e onde pode atuar. São questões que suscitam muitas dúvidas, pois convivemos muitas das vezes com uma visão de pedagogia inserida e restrita apenas ao ambiente escolar, especificamente em sala de aula.

Pedagogo é aquele que conduz a criança ao conhecimento, que media o trabalho pedagógico e que garante o direito da criança à educação. Entendemos por educação um meio de transformação econômica, política e social, possibilitando uma sociedade mais justa e igualitária, deste modo, a educação transpõe os muros da escola para diversos outros espaços não formais de ensino, como: empresas, ONGs, escolas indígenas, escolas no campo, educação para jovens e adultos (EJA), hospitais, entre outros. Com todas essas mudanças, o profissional Pedagogo se adapta a esta nova realidade, assumindo um papel de suma importância no desenvolvimento do ser humano, garantindo assim a educação independente do espaço de atuação. Dessa forma “verifica-se hoje, uma ação pedagógica múltipla na sociedade. O pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não-formal” (LIBÂNEO, 2002, p.28).

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia constatadas na Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, em seu art. 5º parágrafo único, o egresso do curso de Pedagogia poderá “[...] trabalhar em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do

desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo” (BRASIL, 2006, p. 02).

Dessa forma, dentre os diversos espaços de atuação do pedagogo, a Pedagogia Hospitalar vem ganhando força atualmente no âmbito educacional, apesar de ser ainda um termo muito desconhecido, principalmente no Brasil. Esta é uma área de atuação pedagógica que garante os direitos de todos possuírem à educação, principalmente aqueles que, devido a uma enfermidade, precisam ficar afastados da escola.

Durante a hospitalização, as crianças se afastam da escola regular por um determinado tempo, necessitando assim de profissionais que ofereçam continuidade dessas atividades, para que não percam o contato com o saber, além de proporcionar práticas que amenizem o tempo de internação, tornando o ambiente mais agradável para a criança, já que muita das vezes esse período acaba sendo traumático para elas, entretanto a Pedagogia Hospitalar “[...] precisa ser concebida em uma vertente epistemológica que permite vislumbrá-la como uma área científica articulada com uma práxis e não como uma visão puramente assistencialista e caritativa” (CALEGARI, 2010, p. 70).

Entendendo a importância da mediação do pedagogo na preservação do desenvolvimento da criança, podemos mencionar Vygotsky (1998) uma vez que o autor defende que as funções psíquicas do homem ocorrem primeiramente no nível exterior ou social, para depois serem apropriadas e interiorizadas por meio da mediação comunicativa. Para o estudioso, a aprendizagem tem para o desenvolvimento humano, um papel fundamental, uma vez que todo o processo de aprendizagem é uma fonte de desenvolvimento que não poderiam se desenvolver-se por si mesmo sem a aprendizagem. Destarte, realizaremos a seguir um breve histórico dos motivos que levaram a necessidade de pedagogos no ambiente hospitalar e a primeira classe hospitalar criada no Brasil.

2.1 Breve histórico da Pedagogia Hospitalar

O advento da Pedagogia Hospitalar deu-se em razão de guerras e outros impasses sociais da época, segundo Calegari (2010), grandes foram os impactos causados pela Segunda Guerra Mundial nas crianças, muitas atingidas pela guerra tiveram seu direito de frequentar uma escola regular interrompido. A autora

apresenta que em 1935, Henri Sellier, então senador da França, preocupando-se com o estado das crianças que eram deixadas para tratamento nos hospitais, fundou a primeira Classe Hospitalar⁵ que tinha como objetivo dar continuidade às atividades escolares. Logo, essa prática se propagou em vários outros países, como Alemanha e Estados Unidos. Preocupando-se com os direitos à educação das crianças hospitalizadas e a formação de profissionais qualificados para trabalhar no ambiente hospitalar em 1939 é criado o Centro Nacional de Estudos e Formação para a Infância Inadaptada de Suresnes (C.N.E.F.E.I.), com o objetivo de formar professores para atuar em hospitais, nesse mesmo ano é criado o Cargo de Professor Hospitalar junto ao Ministério da Educação na França.

De acordo com Santos e Souza (2009) no ano de 1950 foi criada no Brasil, pela professora Lecy Rittmeyer a primeira classe hospitalar no Hospital Bom Jesus no Rio de Janeiro, com o objetivo de dar continuidade aos estudos das crianças internadas.

Reconhecendo a importância da educação em espaços não escolares foram criadas algumas leis para a efetivação do direito à educação a todos e para todos independentes das circunstâncias e local que a criança está inserida. Por meio de documentos, a legislação brasileira amparou e legitimou o direito à educação das crianças hospitalizadas, sendo alguns desses documentos: Constituição Federal – CF de 1988 – Art. 205; Lei nº. 8.069, de 13 de junho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA); Decreto Lei nº. 1.044, de 21 de outubro de 1969 Art. 1º; Lei nº. 6.202, de 17 de abril de 1975 Art. 1º; Documento organizado pelo Ministério da Educação – MEC – Secretaria de Educação Especial – dezembro de 2002. Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações, entre outros.

3 Impactos da hospitalização em crianças

A experiência da hospitalização na criança pode ser entendida como um momento incômodo, uma vez que representa uma ruptura com seu cotidiano, à

⁵ Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental (BRASIL, 2002, p.13).

internação acaba sendo um período traumático, podendo repercutir no seu desenvolvimento emocional, tanto positivamente como negativamente.

Deste modo, no que se refere à experiência hospitalar, a criança se depara com uma nova realidade, resultando mudanças em sua rotina, como nos hábitos de sono, alimentação e higiene. Em geral, a criança fica restrita ao leito, cercada de pessoas estranhas em um espaço desconhecido até então por ela, que pode ocasionar ainda mais dor e sofrimento, sendo assim, “[...] durante a hospitalização, a criança sofre uma profunda cisão nos seus laços sociais: de um lado a escola e as brincadeiras e, do outro, o hospital e os procedimentos clínicos” (CECCIN; CARVALHO, 1997, p.77).

Entendendo os impactos ocasionados pela hospitalização na criança, Rosa (1997) afirma que:

A hospitalização na infância pode se configurar como uma experiência potencialmente traumática. Ela afasta a criança do seu cotidiano, do ambiente familiar e promove um confronto com a dor, com a limitação física e com a passividade. Essa confrontação leva, na maioria das vezes, aos sentimentos de culpa, punição e medo da morte (ROSA, 1997, p. 37).

Destarte, a hospitalização para crianças e adolescentes, pode determinar agravos emocionais, difíceis de serem exteriorizados e descritos em palavras, dessa forma o pedagogo no ambiente hospitalar vem ao encontro com essa realidade, precisando não somente ter o domínio da sua área de conhecimento em relação a sua didática, mas olhar para a criança em seus aspectos emocionais e sociais, utilizando-se de meios adequados de comunicação e de relacionamento.

Sendo assim, é de suma importância buscar por estratégias que procuram diminuir o sofrimento dessas crianças e assim colaborar no processo de seu desenvolvimento. Com isso, analisaremos a utilização da música como uma alternativa em proporcionar um cuidado mais humanizado à criança. Entendemos assim, que por meio da música o ambiente hospitalar se configura em um espaço lúdico, amenizando assim a angústia e desconforto da internação infantil.

4 A música como recurso pedagógico na recuperação e desenvolvimento de crianças hospitalizadas

O uso da música no campo da saúde não tem sido somente uma prática de musicoterapeutas, no qual o profissional utiliza-se da música visando à recuperação

da saúde ou melhoria da qualidade de vida do paciente. Ao entendermos que a internação não constitui em uma interrupção do desenvolvimento da criança, o pedagogo deve-se utilizar dessas mesmas atividades musicais promovendo aos pacientes condições de desenvolvimento que vão muito além de questões terapêuticas. Nesta perspectiva, Cunha e Viegas (2003) expressam que:

É fundamental lembrar que a vida da criança, seu crescimento e desenvolvimento físico, mental, emocional e social, não estacionam, mas continuam evoluindo durante a internação no hospital. A hospitalização, impedindo suas atividades normais junto à família e dos amigos, na escola e em tudo que faz parte do seu dia-a-dia, quebra o ritmo pode modificar a criança [...] (CUNHA; VIEGAS, 2003, p.11).

Neste sentido, necessita-se de profissionais na área da educação nos hospitais que possibilitem uma continuidade a esse desenvolvimento por meio de atividades lúdicas, e a música torna-se, portanto, uma grande ferramenta nesse processo de ensino-aprendizagem em suas práticas sociais, como uma estratégia de humanização⁶.

A temática da humanização nos hospitais vem recebendo uma grande relevância, decorrente de políticas governamentais, serviços de saúde e acadêmicas. Sendo assim, o Ministério da Saúde criou o Programa Nacional de Humanização⁷ (PNHAH), que “[...] propõe um conjunto de ações integradas que visam mudar substancialmente o padrão de assistência ao usuário nos hospitais públicos do Brasil, melhorando a qualidade e a eficácia dos serviços hoje prestados por estas instituições” (BRASIL, 2001, p. 7). Desta forma, a humanização na área na saúde não contempla olhar apenas para a doença do paciente, mas busca resgatar o respeito à vida humana, proporcionando uma relação entre o profissional e o paciente e valorizando o paciente como sujeito histórico e social.

Costa (1989) expõe que após comprovação dos efeitos relaxantes e sedativos, a música foi utilizada durante a Primeira Guerra Mundial por músicos profissionais, nos hospitais dos Estados Unidos. Na Segunda Guerra Mundial, a

⁶ Humanização é a ação ou efeito de humanizar, de tornar humano ou mais humano, tornar benévolo, tornar afável.

⁷ O Programa Nacional de Humanização foi criada em 2001 pelo Ministério da Saúde, a fim de interferir na qualidade do Sistema Único de Saúde (SUS). Sendo uma política institucional construída de forma coletiva, envolvendo não só o governo federal, mas também as instâncias estaduais e municipais. (fontes: Glossário da Rede HumanizaSUS/ Dicionário da Educação Profissional em Saúde). Site: <https://pensesus.fiocruz.br/humanizar>. Acesso em 12 de agosto de 2017.

música ressurgiu nos hospitais como terapia na recuperação de neuróticos de guerra nos Estados Unidos, e na Argentina, por ocasião de uma epidemia de poliomielite, levando um grande número de pessoas ao falecimento.

A música, quando bem analisada/executada, consegue tornar qualquer ambiente mais agradável, proporcionando momentos de relaxamento. Estudos nesta área tem evidenciado que a música pode auxiliar na recuperação da criança hospitalizada, em aspectos como: diminuição do stress, melhorias na frequência cardíaca, respiratória, na redução do isolamento e da dor, minimizando a ansiedade e regulação do humor.

Além disso, a música estimula áreas do cérebro que pode beneficiar o desenvolvimento de outras linguagens, da coordenação motora, criatividade, expressão corporal, linguagem, oralidade, memória, etc. Neste sentido, “[...] o aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo” (BRÉSCIA, 2003, p.81).

A conexão estabelecida entre as pessoas e os sons é tão primordial que desde sempre o ser humano mostra suas necessidades de comunicação. De acordo com Brito (2003), muito antes do nascimento da criança, a música se faz presente no nosso cotidiano, ainda no útero, os bebês já são envolvidos em um ambiente sonoro estando em contato com as batidas do coração da mãe e o timbre da sua voz.

A música traduz sentimentos, ajuda a criança a se expressar, incentiva a socialização, contribuindo para a sua formação integral, desta forma entendemos a importância do pedagogo como mediador desse processo no ambiente hospitalar, visto que “o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa” (VYGOTSKY, 1998, p.24).

4.1 Propostas de intervenções pedagógicas utilizando-se da música e brincadeiras musicalizadas no âmbito hospitalar

Ao realizar suas atividades utilizando a música no contexto hospitalar, o pedagogo deve entender que o foco de sua intervenção pedagógica é o desenvolvimento integral da criança e não o ensino da música. Portanto, essa mediação não deve ter por objetivo principal formar músicos, mas sim restaurar na

criança enferma, o papel de sujeito. Muito mais do que usar a música como um recurso terapêutico, o pedagogo deve compreender que a música proporciona às crianças possibilidades de desenvolvimento integral.

A linguagem musical no ambiente hospitalar deve contemplar atividades como: o cantar, tocar instrumentos, escuta sonora, construção de instrumentos musicais e objetos sonoros utilizando sucatas, brinquedos cantados e rítmicos, sonorização musical, reflexões sobre a música, clipes musicais utilizando recursos didáticos como televisão e data-show quando presente, entre outros. O profissional deverá ter um olhar sensível para a realidade da criança, entendendo que terá acesso a crianças de várias faixas etárias, necessitando de conhecimentos na área musical para cada idade.

De zero a dois anos o pedagogo pode oferecer condições para o contato e a vivência musical, por meio dos acalantos, músicas de ninar, exploração de instrumento e objetos sonoros.

Dos três aos seis anos, é importante que o educador desperte o interesse auditivo das crianças por meio de atividades de exploração de sons, escuta sonora e musical, confecção de instrumentos musicais com sucatas, registros de canções por meio de desenhos; brincos e parlendas.

Dos sete aos doze anos, período para apresentar músicas eruditas e de várias culturas, às crianças e atividades com jogos e brincadeiras musicalizadas como “adivinhar o som, no qual o professor venda os olhos da criança e reproduz o som de cada instrumento, esperando assim que a criança adivinhe o som do instrumento executado”, “jogo da estátua: um dos participantes, escolhido para ser o líder, coloca uma música. Enquanto a música toca os jogadores dançam livremente, mas quando o líder disser: “Estátua!””, a música para e todos os participantes devem congelar e manter a mesma pose sem mexer, sendo a última estátua a permanecer de pé vencedora”, “batata quente: os jogadores formam um círculo, com um deles sentado ao centro da roda com os olhos vendados. No círculo, cada jogador deve passar a bola – ou a batata – para o que está a sua direita. Enquanto o objeto circula, todos cantam: ‘Batata quente, quente, quente, quente...’. A qualquer momento o jogador que está vendado pode gritar: ‘Queimou!’, quem estiver com a bola nas mãos nesse instante será o próximo a ir para o centro da roda”, “ jogos de mãos e copos”, “cantigas de rodas”, entre outros.

Destarte, as atividades de musicalização torna-se um valioso meio de desenvolvimento integral da criança, ou seja, desenvolvimento nas suas múltiplas dimensões: física, intelectual, social, emocional, a fim de contribuir para a sensibilização, socialização, expressão, criatividade, entre outros. Sendo assim:

[...] ouvir músicas, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos, etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidade de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados (BRASIL, 1998, p.48).

Ao planejar suas atividades musicais, o educador deve escolher o repertório de canções a serem utilizadas, lembrando que nem todas as canções são aconselháveis de serem utilizadas no âmbito hospitalar, o pedagogo deve estar atento as letras das canções, evitando letras tristes, melancólicas, com conteúdo de morte, entre outros.

O pedagogo deve apresentar novas possibilidades de músicas para a criança, indo além das veiculadas pela mídia, proporcionando assim, acesso a obras que possam ser significativas para seu desenvolvimento. De acordo com Brito (2003) o pedagogo deve utilizar da música da cultura popular brasileira, apresentando as músicas de cada região de nosso país, ampliando assim o universo cultural e musical da criança estabelecendo assim uma consciência efetiva com relação aos valores próprios da nossa formação e identidade cultural.

Sendo assim, apresentamos algumas possíveis bandas e cantores para se trabalhar a música com crianças – dentro e fora do contexto hospitalar –, sendo elas: Palavra Cantada; Grupo Tiii; Badulaque; Banda Estralo; Grupo Cria; Grupo Parampampam; Crianceiras; Grupo Rumo; Histórias de monstros e outros bichos, de Gui Calegari; Tiquequê; Antônio Nóbrega; Bloquinho; Grupo Éramos Três; Fadas Magrinhas; Ossobanda; Pequeno Cidadão; “Zoró” de Zeca Baleiro; Bia Bedran; Fortuna; Hélio Ziskind; Isadora Canto; Heitor Villa-Lobos; Chico e Vinícius para crianças; Toquinho no mundo da criança; A Arca de Noé - Toquinho e Vinícius de Moraes: vols. 1 e 2, entre outros.

Vale ressaltar que o educador, ao utilizar-se da música no hospital, deve se atentar à altura da canção, lembrando que o mesmo está em um ambiente em que se exige silêncio, devendo assim por meio das atividades, tornar o ambiente em algo acolhedor e agradável, sem barulhos excessivos que possam incomodar de alguma

forma os pacientes. As intervenções musicais podem ser realizadas nos leitos, caso a criança esteja impossibilitada de locomoção, nas brinquedotecas ou em ambientes externos em curtos períodos para evitar o cansaço dos alunos/pacientes. Entendemos que ao exercer sua função no ambiente hospitalar, o pedagogo precisa estar preparado para as inúmeras situações que podem interferir em sua intervenção, como possíveis variações de humor, recusa das atividades, entre outros.

Desta forma, nem sempre será possível que o planejamento seja efetivado, visto que muitas das vezes no decorrer das intervenções algumas crianças precisarão se retirar para as medicações ou para outros procedimentos médicos. Com isso, Libâneo (1994, p.223) declara que o planejamento “[...] não pode ser um documento rígido e absoluto, pois uma das características do processo de ensino é que está sempre em movimento, está sempre sofrendo modificações face às condições reais [...]”, isto é, por mais fundamentado e pensado, pode ser que aconteça imprevistos que impossibilite a execução do planejamento.

Vale salientar que no ambiente hospitalar, o pedagogo irá desenvolver seu trabalho com outros profissionais da saúde, deste modo deverá utilizar de competências e habilidades em conjunto com esses profissionais.

Outra possibilidade de atividade é a apresentação de instrumentos musicais para as crianças manusearem, lembrando que todo material deverá ser rigorosamente higienizado, preservando assim a saúde das crianças. Na ausência de alguns instrumentos, o educador pode apresentar fotografias explicando os materiais que foram utilizados para a confecção do mesmo. O professor pode introduzir brinquedos sonoros populares, instrumentos étnicos, apresentar instrumentos de outros povos, culturas, mostrando o som de cada instrumento, lembrando de verificar se os objetos não apresentem algum risco à segurança dos bebês e crianças. Destarte, o pedagogo hospitalar deve apropriar da música não apenas como ferramenta terapêutica, mas sim como um meio de ampliar o conhecimento cultural e histórico das crianças.

Confecção de instrumentos musicais e objetos sonoros é uma outra possível proposta de atividade para se trabalhar no âmbito hospitalar, o professor deve selecionar e organizar os materiais a serem utilizados, como por exemplo: caixas de papelão, sucatas, latas, embalagens, palitos, garrafas plásticas, tubos de papelão, etc. De acordo com Brito (2003, p.71) “A atividade de construção de instrumentos

será mais rica e significativa se estabelecer relações com a história dos instrumentos musicais e seu papel no decorrer do tempo, nas diferentes culturas”, ou seja, o educador deve contextualizar suas atividades, explicando para as crianças que a criação dos instrumentos musicais se adapta às necessidades e possibilidade do ser humano, em cada época e em cada lugar.

De acordo com a autora, materiais bem simples podem ser transformados em instrumentos musicais por crianças, como por exemplo: reco-recos utilizando garrafas de água de PVC ou latas, com baquetas que podem ser palitos de churrascos, chocalhos (ou ganzás) utilizando potes plásticos ou latas que tenham algum tipo de abertura para que se possa colocar arroz ou botões em seu interior e assim apresentando para as crianças os diferentes timbres. Paus-de-chuva utilizando tubos de papelão com arroz, lentilha etc, em seu interior. Tambor de bexiga, utilizando latas dos mais variados tamanhos e com a bexiga bem esticada presa nas bordas com barbantes ou fita crepe, lembrando que essas são apenas algumas possíveis sugestões, cabendo ao educador “[...] não se limitar a elas, mas abrir espaço para a pesquisa e a criação” (BRITO, 2003, p. 76)

Compreendemos também que a contação e sonorização de histórias para crianças hospitalizadas é de suma importância, visto que se torna um valioso recurso nas atividades. O uso de materiais sonoros, objetos, vozes, imitação de personagens são instrumentos que auxiliam o profissional a compor sua narração, lembrando que esses materiais ao serem utilizados no ambiente hospitalar devem ser bem selecionados pelo professor.

Segundo Brito (2003) a criança faz música brincando, sendo essa sua maneira de se relacionar com o mundo que descobre a cada dia, sendo assim, consideramos o brincar imprescindível para o desenvolvimento infantil. Vygotsky (1998) compreende a brincadeira como um instrumento de extrema relevância para o desenvolvimento da criança, o autor considera as atividades lúdicas como um caminho de interação entre os adultos e as crianças para por meio dessa mediação a construção de novas aprendizagens. Nesta perspectiva:

[...] em todas as culturas as crianças brincam com a música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas, nas quais a força da cultura de massas é muito intensa, pois são fontes de vivências e desenvolvimento expressivo e musical” (RCNEI, vol. 3, 1998, p.71).

Sendo assim, se no decorrer da internação a criança não tiver restrições físicas, algumas brincadeiras musicalizadas podem ser utilizadas no âmbito hospitalar, favorecendo assim a recuperação e desenvolvimento integral da criança. Atividades como: tocar instrumentos, jogos de mãos e copos, o jogo de estátua, brincadeiras de rodas, confecção de instrumentos musicais com sucatas e contação de histórias com sonorização, são apenas umas das inúmeras propostas de atividades que o pedagogo pode utilizar-se em suas intervenções no hospital.

5 Considerações finais

Objetivamos com o estudo analisar de que forma a música pode contribuir na recuperação e desenvolvimento de crianças hospitalizadas, tal como a importância do pedagogo como mediador desse processo.

Ao longo dos anos, o papel do pedagogo tem sofrido transformações decorrentes das mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais de cada época. Deste modo, resultantes das necessidades de cada período, a função do pedagogo deixa de ser somente no interior da escola para outros espaços não formais de ensino. A pedagogia hospitalar por sua vez vem ao encontro com essa nova realidade, assegurando assim o direito de todos à educação, principalmente aqueles que, devido a uma enfermidade, precisam ficar ausentes da escola em virtude de sua hospitalização,

A internação pode configurar em um momento difícil para a criança, necessitando de profissionais que não olhem apenas a doença do paciente, mas que procure dar continuidade ao seu desenvolvimento, utilizando-se de recursos lúdicos para a amenização dessa hospitalização.

Desta forma, a música se torna um valioso recurso pedagógico no ambiente hospitalar, contribuindo para sua: criatividade, autoestima, imaginação, expressão, memória, linguagem, socialização entre outros. Sendo assim, muito mais do que uma ferramenta terapêutica a musicalização no ambiente hospitalar oferece uma continuidade ao desenvolvimento integral da criança.

Referências

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 05 de outubro de 1988.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, v.3. Conhecimentos de Mundo. MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 14 de dezembro de 2017.

_____. **Resolução CNE/CP n. 1 de 15 de maio de 2006.** Institui Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura.

_____. **Programa Nacional de Humanização da assistência Hospitalar.** Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2001. Disponível em: <https://pensesus.fiocruz.br/humanizar>. Acesso em 12 de agosto de 2017.

BRÉSCIA, V. L. P. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva.** São Paulo: Átomo, 2003.

BRITO, T. A. **Música na educação infantil – propostas para a formação integral da criança.** 1ª ed. São Paulo: Editora Peirópolis, 2003.

CALEGARI-FALCO, A. M. **O Processo de formação do pedagogo para atuação em espaços não- escolares: em questão a Pedagogia Hospitalar.** 2010. 245f. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 2010.

CAMBI, F. **História da pedagogia.** São Paulo: ed. da Unesp, 1999.

CECCIM, R. B.; CARVALHO, P. R. A. **Criança Hospitalizada: atenção integral como escuta à vida.** Porto Alegre: UFRGS, 1997.

CECCIM, R. B. Classe hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. **Pátio Revista Pedagógica**, v. 3, n. 10, p. 41-44, 1999.

CONANDA. Resolução nº 41, de 17 de outubro de 1995. Dispõe sobre os Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. **Diário Oficial da União.** Brasília, Seção I, p. 163. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bioetica/conanda.htm>. Acesso em: 10 de jun.2017.

COSTA, C. M. **O despertar para o outro: Musicoterapia.** São Paulo: Summus, 1989.

CUNHA, N.H. S.; VIEGAS, D. **Brinquedoteca Hospitalar.** São Paulo: Guia de Orientação, 2003.

LIBÂNEO, J.C. O planejamento escolar. In: _____. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994, p. 221 -247.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos para quê?** São Paulo: Cortez, 2002.

ROSA, S. E. **Um desafio às regras do jogo: Da análise na infância ao infantil na análise.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997.

SANTOS, C. B.; SOUZA, M. R.I. Ambiente hospitalar e o escolar. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira (org.). **Escolarização hospitalar**: educação e saúde de mãos dadas para humanizar. Petrópolis: Vozes, 2009. cap.7, p.109-117.

TOZONI-REIS, M.F.C de. **Metodologia de pesquisa**. 2.ed.; Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. 5ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.